

ELEMENTOS DE SEMIÓTICA FRANCESA APLICADOS À ABORDAGEM DE TEXTOS NÃO VERBAIS E SINCRÉTICOS

Clebson Luiz de BRITO
Universidade Federal de Minas Gerais/FAPEMIG
clebsonlb@gmail.com

Resumo: Pretendemos demonstrar, neste trabalho, que o conhecimento sobre como funcionam os mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido pode ser produtivo no processo de leitura de textos visuais e sincréticos. Contemplando diferentes gêneros discursivos – propaganda, capa de caderno de jornal, notícia e campanha comunitária –, faremos uma aplicação de elementos de análise da Semiótica Francesa, teoria que se volta, sobretudo, para uma análise imanente e que busca explicitar os procedimentos de constituição do sentido manifestados textualmente. Procuraremos explorar, em nossa aplicação, elementos do nível fundamental e da semântica discursiva do percurso gerativo, elementos esses que permitem apreender o sentido sob a forma, no primeiro caso, de uma oposição semântica abstrata e de operações simples e lógicas de asserção e negação e, no segundo caso, sob a forma de temas, figuras e isotopias disseminados pelo discurso.

Palavras-chave: Leitura; Semiótica Francesa; Texto não verbal; Texto sincrético.

Introdução

Há duas crenças comuns que gostaríamos de destacar inicialmente por envolverem o que se pode considerar um descompasso relacionado à atividade de leitura: uma segundo a qual entender um texto, interpretá-lo requer sensibilidade e/ou perseverança e outra que toma como texto apenas produções com linguagem verbal. A primeira, embora não seja de todo equivocada, desconsidera elementos mais objetivos do processo de leitura, ligados ao conhecimento sobre como o sentido se constitui intradiscursivamente. Já a segunda desconsidera não só que os textos não verbais constituem um todo significativo, como também que o sentido pode ser veiculado numa relação entre duas ou mais linguagens nos chamados textos sincréticos.

Ironicamente, já faz um considerável tempo que os textos que circulam em nossa sociedade e com os quais nos confrontamos cotidianamente recorrem, não raro, a diferentes linguagens na produção do sentido ou exploram sobremaneira a linguagem visual. Isso mostra que a habilidade de leitura de textos visuais e sincréticos é, pois, necessária, mas pouco exercitada, sistematizada, havendo mesmo um descompasso entre o que se exige dos leitores contemporâneos e o que prevalece no senso comum acerca do próprio processo de leitura.

Esse descompasso pode ser combatido, a nosso ver, com uma maior ênfase sobre os mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido, preocupação fundamental da teoria de que lançaremos mão neste trabalho: a Semiótica Francesa.

Essa teoria toma o discurso contido no texto como a parte mais superficial e concreta do plano de conteúdo, parte essa resultante da enunciação. O plano de conteúdo, por sua vez, constitui o texto quando se liga a um dado plano de expressão (a linguagem que veicula o discurso), seja ele verbal, não verbal ou sincrético – quando o discurso é veiculado por mais de uma linguagem. Em Semiótica, a noção de texto já exclui, portanto, a possibilidade de restringi-lo a realizações verbais, englobando, a despeito da linguagem empregada na veiculação do plano de conteúdo, qualquer unidade de sentido.

Dito isso, cabe perguntar: se a noção de texto é ampla e é preciso considerá-lo uma unidade de sentido, o que fazer para abordar produções visuais ou sincréticas? Que elementos podem ser examinados de forma mais objetiva a fim de se apreender(em) o(s) sentido(s) em textos assim? O que pretendemos neste trabalho, longe de oferecer modelos e de buscar exaustividade em relação ao alcance da teoria empregada, é demonstrar que conhecer os mecanismos internos de constituição do sentido, tal como propõe a Semiótica Francesa, permite o desenvolvimento de habilidade de leitura de textos visuais e sincréticos.

1. Elementos de análise da Semiótica francesa

A proposta geral da Semiótica Francesa é a de que o sentido parte de uma forma mais simples e abstrata e vai se enriquecendo até atingir o grau de complexidade e concretude com o qual o leitor se confronta quando está diante de uma produção textual efetiva. Trata-se da postulação do chamado *percurso gerativo de sentido*, que é composto de três diferentes níveis, os quais, por sua vez, apresentam tanto um componente sintático, relativo aos arranjos dos conteúdos, quanto um componente semântico, relativo aos conteúdos investidos sobre os arranjos sintáticos.

O exame de um texto não requer que se observem todos os níveis do percurso gerativo, mas apenas aqueles que forem mais apropriados a uma análise específica. No nosso caso, vamos nos ater ao nível fundamental, patamar mais simples e abstrato, e ao componente semântico do nível discursivo, patamar mais superficial e concreto, resultado das operações da instância da enunciação.

Entre esses dois níveis – o fundamental e o discursivo –, há o nível narrativo, patamar no qual o sentido apresenta-se sob a forma de uma configuração narrativa abstrata em que os sujeitos se relacionam com objetos e outros sujeitos em busca de valores. Como não será contemplado nas análises a seguir, esse nível não será apresentado em maiores detalhes aqui. Fica entendido, no entanto, que é na articulação desses três níveis que o sentido se engendra.

O nível fundamental é o patamar inicial do processo de geração do sentido, sentido esse que se apresenta, do ponto de vista semântico, sob uma forma extremamente simples e abstrata. Essa forma pode ser apreendida como uma oposição semântica, por exemplo: /vida/ versus /morte/, /natureza/ versus /civilização/, /liberdade/ versus /opressão (dominação, coerção)/ etc. Para examinar um texto por esse primeiro nível do percurso gerativo, é preciso, portanto, realizar um processo de abstração que permita identificar uma forma elementar do seu sentido geral.

Essas oposições, como se vê pelos exemplos, apresentam uma contrariedade tal, que os termos se pressupõem de forma recíproca. O sentido de /liberdade/, por exemplo, não poderia existir sem a noção de /opressão/ e vice-versa. O mesmo se dá com oposições como /vida/ e /morte/, /natureza/ e /cultura/, /sacralidade/ e /profanidade/, /totalidade/ e /parcialidade/, entre outras. Ambos os termos se constituem, portanto, na relação de contrariedade que mantêm entre si.

Ao mesmo tempo, essa relação de contrariedade pressupõe um nexos entre os termos. Como explica Fiorin (2006, p. 22), não faz sentido opor /sensibilidade/ a /horizontalidade/ porque nada há em comum entre esses termos; /masculinidade/, porém, se opõe a /feminilidade/, porque ambos pertencem ao domínio da sexualidade.

No componente semântico do nível fundamental, além de apreender a oposição que está na base do discurso em análise, é preciso observar o sistema de valores em que ela se inscreve. Em todos os discursos, um dos termos da oposição é marcado, grosso modo, com um traço de positividade e o outro, com um traço de negatividade. O traço de positividade recebe o nome de euforia, e o termo por ele marcado é definido como eufórico; o traço de

negatividade, por sua vez, recebe o nome de disforia, e o termo por ele marcado é definido como disfórico (GREIMAS; COURTÉS, 2008).

Em um discurso ecológico, por exemplo, o termo /natureza/ tende a ser tomado como eufórico e /civilização/ como disfórico, gerando um sistema de valores abstrato, mas significativo. Essas marcas de positividade (euforia) e negatividade (disforia), no entanto, não são dadas *a priori*. Não se deve, por exemplo, supor que /vida/ seja sempre um termo eufórico, positivo. Como explica Fiorin (2006, p. 23), /morte/, em um discurso que prega o valor do martírio – como o de muitos fundamentalistas –, receberá o traço positivo e /vida/, o negativo.

Além de apreender a oposição semântica subjacente aos textos e observar a disposição do par euforia/disforia, é preciso dar conta, nas análises, da sucessividade que tais textos apresentam. Nesse sentido, a sintaxe fundamental apresenta as operações lógicas e abstratas de asserção e negação (FIORIN, 2006, p. 23). Trata-se de operações que permitem que, dada uma determinada categoria semântica, possa haver uma transição de um termo a outro e, portanto, um percurso fundamental que dê conta do que se mostra na sucessividade do texto.

Na leitura dos dois primeiros textos selecionados, faremos uma aplicação dos conceitos relativos ao nível fundamental, apresentado até aqui. Procuraremos demonstrar que se ater à organização simples e abstrata desse nível pode ajudar a organizar os dados mais superficiais, guiando a abordagem de textos não verbais e sincréticos.

Cumpramos agora destacar o nível discursivo do percurso gerativo, sobretudo o seu componente semântico, uma vez que também será contemplado em nossa aplicação.

Temos nesse nível, “do ponto de vista sintático, os procedimentos de discursivização, que entram em jogo na instância da enunciação” (LARA, 2004, p. 47), pela ancoragem do texto-enunciado nas categorias de pessoa, tempo e espaço. A sintaxe discursiva compreende ainda os procedimentos que o enunciador utiliza para persuadir o enunciatário a aceitar o seu discurso: o fazer-criar.

Quanto ao componente semântico, ao qual daremos maior atenção nesta apresentação, nele “examinam-se os temas, as figuras e as isotopias, elementos que concretizam as estruturas do nível anterior (o narrativo)” (LARA; MATTE, 2009, p. 69). Temas são investimentos semânticos que não remetem ao mundo natural, mas auxiliam, em razão de sua natureza puramente conceptual, na interpretação da realidade (FIORIN, 2006, p. 91). As figuras discursivas, por sua vez, são “determinadas por traços ‘sensoriais’, que concretizam e particularizam os discursos abstratos” (BARROS, 2001, p. 117).

Há, no nível discursivo, duas possibilidades de concretização do sentido: a tematização e a figurativização. Elas se ligam, por sua vez, a dois diferentes tipos de textos que refletem duas formas de abordar/construir a realidade: 1) os temáticos, que procuram explicar, justificar a realidade; e 2) os figurativos, que criam um simulacro do mundo, produzindo, dessa forma, efeitos de realidade ou de referência, como explica Fiorin (2006, p. 91).

Já isotopia, termo emprestado da Física, designa, em Semiótica, a reiteração, recorrência de traços semânticos que garantem a coerência de um texto (BARROS, 2001, p. 124). A isotopia é aquilo que assegura um plano de leitura (LARA; MATTE, 2009, p.70), o que não impede que ela seja quebrada em um dado texto ou que ela se oponha ou se alie à outra de modo que se produzam efeitos de sentido diversos: de crítica, de humor, de estranhamento etc.

Na análise do terceiro e quarto textos, uma notícia e uma campanha comunitária, vamos nos ater, sobretudo, à noção de isotopia, demonstrando como a análise de elementos da semântica discursiva pode tornar a leitura dos textos sincréticos mais objetiva e, inclusive, mais crítica.

2. Análise dos textos

Começamos nossa aplicação da Semiótica com a análise do pôster de Barack Obama (anexo 1), que abordaremos levando em consideração o nível fundamental do percurso gerativo. Antes cabe uma pequena contextualização do nosso objeto. Trata-se de uma criação, a princípio, espontânea de um artista de rua americano que quis contribuir com a campanha do democrata na corrida à Casa Branca, em 2008. Porém, a força do discurso contido no texto, que apresenta algumas variações na linguagem verbal, foi tão grande, que ele foi incorporado à campanha oficial de Obama.

O texto apresenta predominantemente como plano de expressão a linguagem visual, apresentando apenas como linguagem verbal a palavra *hope* (esperança). As categorias propostas pela Semiótica para o exame do nível fundamental podem nos ajudar a entender o sentido que, emanado desse texto, tornou-o um dos símbolos da campanha de Barack Obama à Presidência dos Estados Unidos.

Podemos apreender o sentido do pôster se levamos em consideração dois pontos cruciais que ele parece abordar: a questão étnico-racial e a legitimidade de Barack Obama como possível representante máximo do povo norte-americano. Vale lembrar que a questão étnico-racial poderia levar muitos americanos, de maioria branca, a não se verem representados pelo então candidato democrata, um homem negro cujo nome o liga tanto ao mundo africano quanto ao mundo árabe – Barack Hussein Obama. É preciso considerar, porém, que o pôster, texto que examinamos, apresenta o negro Obama pintado com outras cores, não com quaisquer cores, mas com as cores da bandeira norte-americana.

É nessa relação que parece estar a força do texto em questão. As diferenças étnico-raciais são, no texto, concretizações do termo /alteridade/, ao passo que as cores da bandeira, que metonimicamente representam a nação norte-americana, concretizam a /identidade/, completando a categoria semântica fundamental. /Identidade/, no pôster de Obama, é o termo positivo, atraente (eufórico), ao passo que a /alteridade/ é negativa, repulsiva, pois o então candidato à Casa Branca é apontado, antes de tudo, como norte-americano, não estando as diferenças étnico-raciais acima disso.

O discurso contido no pôster pressupõe ainda uma sucessividade, pois, como já dissemos, o negro Obama aparece pintado com as cores da bandeira norte-americana. Do ponto de vista sintático, essa sucessividade – a pintura que leva o negro Obama a ficar com as cores da bandeira norte-americana – representa uma negação da /alteridade/ e uma posterior afirmação da /identidade/. Veja-se que Obama é, nesse processo, legitimado como representante da sociedade norte-americana como um todo, pois as diferenças étnico-raciais são, no discurso analisado, suplantadas pela identidade nacional.

Essa é a organização fundamental que está na base desse poderoso discurso em favor do sentimento de unidade americana em torno de Obama. A apreensão da organização mais abstrata e simples subjacente ao texto, por isso, pode ser a chave da leitura para algumas produções textuais, o que mostra como a compreensão do nível fundamental proposto pela Semiótica pode guiar nossa leitura, tornando-a mais produtiva.

Analisemos agora um texto sincrético, uma capa do caderno de esportes da Folha de São Paulo (anexo 2) anterior à copa do mundo de futebol na África do Sul, em 2010. Na ocasião o técnico da seleção brasileira era o ex-jogador Dunga. Nossa análise toma a capa do caderno como uma unidade de sentido em que entram em jogo tanto elementos da linguagem verbal como da visual, contrariando a ideia de que texto se restringe a produções verbais.

Começamos nossa análise do nível fundamental do texto observando os elementos verbais. Há pelo menos dois deles que chamam nossa atenção: o primeiro é o pronome

possessivo em “Ricardo Teixeira e *seu* técnico, Dunga” (no alto à direita), que indica que não se trata do técnico da seleção brasileira, mas o técnico *de* Teixeira; já o segundo é o verbo e o seu modificador em “controla de perto” (embaixo à direita), os quais dão a ideia de que Teixeira exerce um controle rigoroso sobre o trabalho do treinador, repetindo, segundo o enunciató-jornalista, o que se deu em 2002. Os elementos destacados sugerem que o cartola exerce um domínio sobre o técnico e sobre o futebol nacional, o que se dá há muito tempo, tendo em vista que ele seguia para o seu sexto mundial.

A linguagem visual, por sua vez, coloca em cena os dois atores discursivos de que a matéria trata: o então dirigente da CBF, Ricardo Teixeira, e o então técnico da seleção brasileira de futebol, Dunga. A imagem dos dois atores não pode ser dissociada do todo significativo que é o texto, pois não tem uma função meramente icônica ou referencial. Pelo contrário, ajuda a concretizar a oposição fundamental que está na base desse texto sincrético.

Isso pode ser observado pela clara diferença entre as posições dos dois atores discursivos. Enquanto /inclinado/ é o que caracteriza a posição de Dunga, /ereto/ é traço da posição de Teixeira. Esses traços indicam uma relação marcada pela dominação do ator com postura ereta sobre aquele com postura inclinada, que, por sua vez, aparece numa posição de sujeição, subserviência em relação àquele.

Veja-se que o que se fez na análise até este momento foi agrupar os dados que revelam, tanto por meio de elementos verbais quanto não verbais, o exercício do poder pelo então dirigente da CBF sobre o seu técnico. Basicamente o discurso apresenta em sua base uma afirmação do termo /dominação/, tido como disfórico, ou seja, negativo, repulsivo, haja vista os elementos verbais e visuais apontados. A afirmação desse termo, por sua vez, pressupõe o seu contrário, a /liberdade/, pois um termo não faz sentido sem o outro.

Em resumo, para entender o texto analisado, é preciso entender que ele se estrutura em torno da oposição semântica /liberdade/versus/dominação/ e que há uma afirmação da /dominação/, termo disfórico. É por ter na base essa organização fundamental que a matéria pode apresentar a gestão do então dirigente da CBF, haja vista a longa duração da /dominação/, como uma verdadeira ditadura sobre o futebol brasileiro, representado pelo técnico da seleção nacional.

Como se viu, o texto sincrético analisado deve ser lido como uma unidade de sentido. É preciso, por isso, levar os leitores de forma geral a perderem a inocência em relação às imagens, sobretudo quando veiculadas na mídia. Isso poderá ficar ainda mais evidente no exame a seguir, em que os elementos da semântica discursiva podem nos ajudar a entender um sutil recurso argumentativo empregado. O texto que vamos abordar é uma notícia publicada no jornal eletrônico Folha.com a respeito do jogador de futebol Alexandre Pato (anexo 3).

O texto da Folha.com é sincrético, pois apresenta duas linguagens na veiculação do plano de conteúdo. A princípio a imagem parece apenas ter uma função subsidiária, como se apenas indicasse a pessoa de quem a notícia fala algo. Ocorre que é justamente a imagem associada ao conteúdo trazido pela linguagem verbal que evidencia um sutil juízo de valor a respeito do comprometimento do jogador com sua carreira de atleta profissional.

Podemos entender isso examinando as isotopias presentes no texto, as quais, como se disse, são responsáveis pela coerência semântica do discurso. A parte verbal apresenta, predominantemente, duas delas: a isotopia esportiva e a médica. Figuras como *atacante*, *jogador*, *gramados*, *partidas*, entre outras, contêm traços semânticos que remetem à primeira das isotopias apontadas: *atacante* é uma função dentro de uma equipe esportiva; *jogador*, o agente que participa de um jogo, competição; *gramados*, no caso do futebol, o local da prática esportiva; e *partidas*, os confrontos entre equipes. Com respeito à isotopia médica, esta pode ser notada, sobretudo, pelas figuras *sofrer um estiramento na perna* e *lesão*.

As duas isotopias garantem a coerência do que parece ser o conteúdo da notícia: a informação de que o jogador Alexandre Pato, atleta que joga pelo Milan, da Itália, estará fora de um importante jogo de seu time por ter sofrido uma nova lesão.

Ocorre que o enunciador-jornalista informa ainda que as lesões do jogador são múltiplas em um tempo recente, o que levou o atleta a perder muitas partidas pelo seu time e pela seleção nacional. Isso tem a ver com o direcionamento argumentativo que a terceira isotopia vai deixar mais nítido, apontando para a conclusão de que o jogador tem sido irresponsável, inconsequente. Há uma busca de estabelecer uma relação causal segundo a qual as lesões do jogador são fruto de uma vida pessoal pouco apropriada a um atleta.

No último período da parte verbal, a forma como o enunciador-jornalista faz referência ao jogador introduz uma nova isotopia, a das relações interpessoais; o atleta é chamado de *o namorado de Barbara Berlusconi, filha do dono do Milan e ex-primeiro ministro da Itália*. Essa expressão nominal não é gratuita, assim como a imagem também não.

Uma imagem do atleta no desempenho de sua atividade esportiva – e estas não devem faltar aos jornalistas esportivos – ou uma imagem do atleta com sinais de lesão (expressão facial de dor/aplicação de produtos terapêuticos etc.) é o que faria sentido à notícia que apresenta as isotopias esportiva e médica. A imagem, no entanto, traz o jogador e a namorada em um momento de lazer, o que se liga à isotopia menos disseminada no texto, a das relações interpessoais, que é observada apenas na expressão nominal usada no último período.

As escolhas em relação ao que é apresentado são sempre importantes para as finalidades argumentativas, na medida em que trazem à presença aquilo que o enunciador pretende que fique no primeiro plano de consciência do enunciatário (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 161). No caso da notícia sobre o jogador, com a presença da isotopia das relações interpessoais, o enunciatário tende a levá-la em consideração. Certamente, convém lembrar, o enunciador conta com conhecimentos prévios do seu enunciatário, que sabe que Pato tem sido manchete há algum tempo tanto pelas lesões quanto pela agitada vida pessoal ao lado da atual namorada.

A imagem acaba por criar, assim, uma relação de causa e efeito em que as múltiplas lesões do jogador parecem decorrer do modo como ele tem levado a vida pessoal e, sobretudo, do seu envolvimento com a filha de Berlusconi – notório pelos escândalos sexuais. A conclusão que o enunciador-jornalista espera como inferência por parte do enunciatário é a de que Pato é ou pelo menos tem sido mais recentemente irresponsável, inconsequente, levando uma vida que não corresponderia à de um atleta profissional. Ligando sutilmente a isotopia das relações interpessoais às isotopias esportiva e médica, o enunciador faz veicular, sob a aparente função de informar, uma crítica ao atleta e seu comportamento extracampo.

Como se vê, a atenção a elementos do componente semântico do nível discursivo pode fazer a diferença na leitura, fazendo com que não se percam determinados efeitos de sentido. Ao mesmo tempo, é preciso considerar os textos sincréticos como um todo de sentido; sem isso não observaríamos, na notícia examinada acima, o sutil recurso argumentativo usado pelo enunciador-jornalista.

Por fim, gostaríamos de analisar uma campanha comunitária que busca persuadir o enunciatário a doar sangue (anexo 4). Gostaríamos de destacar tanto aspectos da semântica fundamental quanto da discursiva nessa produção textual sincrética. Não pretendemos ser exaustivos, mas apenas reforçar, na análise desse texto, que se ater aos elementos destacados nas análises anteriores pode ser produtivo.

A campanha tem como oposição semântica fundamental /vida/versus/morte/; através da doação de sangue, a /morte/ pode ser evitada, mantendo-se a /vida/. O sangue aparece como elemento ambíguo, pois, do ponto de vista religioso, derramado na crucificação representa a morte do Cristo e ao mesmo tempo a possibilidade de vida eterna para a

humanidade por poder expiar-lhe os pecados. Do ponto de vista médico, o sangue pode indicar igualmente /morte/, quando perdido, derramado, e /vida/ quando doado. Essa figura, portanto, representa um termo complexo que reúne: /vida/ e /morte/. A campanha explora essa ambiguidade, incentivando a doação de sangue como um ato cristão de sacrifício, à semelhança (em um grau bem menor) do sacrifício de Cristo, capaz de garantir a vida de outros.

Observando-se a semântica discursiva, percebemos duas isotopias mobilizadas no texto: a médica e a religiosa, mais especificamente a cristã. A primeira pode ser observada na linguagem visual pela bolsa de sangue e pelo aparelho que auxilia na transfusão sanguínea, bem como na linguagem verbal pela figura *doar*, que também remete ao procedimento médico alvo da campanha. A isotopia religiosa/cristã, por sua vez, pode ser observada, na linguagem visual, pela imagem do Cristo crucificado (à esquerda, se misturando ao suporte da bolsa de sangue) que doa seu sangue pela humanidade, bem como na linguagem verbal pela referência à doação de Deus, que deu seu filho em sacrifício pelos homens; essa referência pode ser vista em *Ele deu tudo (...)*.

As isotopias religiosa e médica, não raro, aparecem como conflitantes nos discursos, quando a isotopia médica, por exemplo, se alia à científica em oposição a dogmas e a crenças que apenas acham respaldo na fé. No discurso da campanha comunitária analisada, porém, a isotopia religiosa é aliada da isotopia médica, pois o ato de doar sangue é entendido como um ato cristão. A doação da parte de Deus, tida como plena, total (*Ele deu tudo...*), pode e deve ser imitada em uma dimensão mais restrita, mais pontual (*pra você doar um pouco*): na isotopia médica, pela doação de sangue.

Conclusão

Como buscamos demonstrar, o texto não verbal apresenta-se como uma unidade de sentido, por isso suscetível de leitura a partir de elementos mais objetivos. Buscamos demonstrar ainda que os textos que apresentam mais de uma linguagem na composição de seu plano de expressão devem igualmente ser tomados como unidades de sentido, sentido esse articulado por elementos das diferentes linguagens empregadas.

Ao mesmo tempo buscamos demonstrar ao longo deste trabalho que o conhecimento sobre como funcionam os mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido pode ser produtivo no processo de leitura de textos visuais e sincréticos. Conhecer esses mecanismos e saber como eles podem ser mobilizados na produção textual/discursiva ajuda a guiar a leitura, garantindo à interpretação um lado mais objetivo e produtivo. Demos mostra disso, aplicando algumas das categorias da Semiótica Francesa, teoria que, por permitir justamente o desnudamento dos mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido, oferece subsídios valiosos no desenvolvimento de habilidades de leitura de textos visuais e sincréticos.

REFERÊNCIAS

- A FOLHA DE SÃO PAULO. *O cartola das copas*. Capa do Caderno de Esportes. 30 mai. 2010.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2001.
- ELE deu tudo, pra você doar um pouco. Disponível em: <<http://kdvc-amigo.blogspot.com.br/2012/02/doar-sangue-e-um-ato-de-amor.html>>. Acesso em 01 de mar. de 2012.

FAIREY, Shepard. *Pôster de Obama*. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Barack_Obama_%22Hope%22_poster>. Acesso em 01 set. 2011.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FOLHA.COM. *Pato sofre 13ª lesão desde janeiro de 2010*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1055670-pato-sofre-13-lesao-desde-janeiro-de-2010.shtml>>. Acesso em 01 de mar. de 2012.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

LARA, Gláucia M. P. *O que dizem da língua os que ensinam a língua: uma análise semiótica do discurso do professor de português*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

LARA, Gláucia M. P.; MATTE, Ana Cristina F. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2009.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação. A nova retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Anexos

Anexo 1: Pôster de Obama



Anexo 2: Capa do Caderno de Esporte da Folha de São Paulo



Anexo 3: Notícia do jornal Folha.com

Pato sofre 13ª lesão desde janeiro de 2010

O atacante brasileiro Alexandre Pato, do Milan, sofreu um estiramento na perna direita e ficará novamente afastado dos gramados por duas semanas. Trata-se da 13ª lesão que ele, revelado no Internacional, sofre desde janeiro de 2010.

As múltiplas lesões de Pato fizeram o jogador perder metade das partidas do clube na atual temporada --disputou apenas 18 de 36 jogos.

Ele está fora do jogo de volta das oitavas de final da Copa dos Campeões da Europa, contra o Arsenal, no dia 6 de março, em Londres. O namorado de Barbara Berlusconi, filha do dono do Milan e ex-primeiro ministro da Itália, tem ficado ausente também das últimas convocações do técnico Mano Menezes para a seleção.

Wallace Barbosa - 18.jun.11/AgNews



Alexandre Pato e Barbara Berlusconi curtem a praia de Ipanema em junho de 2011

Anexo 4: campanha comunitária pela doação de sangue

